

Todas as vezes, amáveis leitoras, que, devido a reflexões íntimas, considero a que ponto o vosso sexo é naturalmente sensível, penso que o presente trabalho começará por vos causar uma impressão dolorosa. A peste mortal, hoje terminada, mas cuja recordação é tão custosa para aqueles que viram ou souberam das devastações que ela fez, tal é, com efeito, o frontispício do meu livro. Mas não desejava eu que o susto vos impedisse de continuar. Não creiam que esta leitura vai decorrer em lágrimas e suspiros. O pesadelo do princípio? Imaginai uma montanha cujas escarpas tenham surgido diante dos viajantes; junto dela, porém, há uma planície tanto mais bela e sedutora quanto maior for o cansaço da subida e da descida. E assim como à dor sucede o prazer, também as misérias se dissipam quando a alegria chega. A este breve anojamento (chamo-lhe breve porque ocupa poucas linhas) sucedem-se logo a doçura e o prazer que acabo de vos prometer e que o princípio, sem este compromisso da minha parte, vos não permitiria esperar. Ah, se honestamente eu vos pudesse conduzir aonde desejo, seguindo por uma estrada diferente do difícil atalho que vos proponho, fá-lo-ia de boa vontade. Mas como havia eu, sem esta relação, de vos explicar a origem do que seguidamente se lerá? É, pois, sob o império da necessidade que me determino a este prólogo.

Já tinha chegado o ano de 1348 da fecunda encarnação do filho de Deus, quando a cidade de Florença, nobre entre as mais famosas da Itália, foi vítima da mortal epidemia. Fosse a peste obra de influências astrais ou a consequência das nossas iniquidades e que Deus, na sua justa cólera, a tivesse precipitado sobre os homens, como punição dos seus crimes, a verdade é que ela se havia declarado alguns anos antes nos países do Oriente, onde arrastara para a perda inúmeras vidas humanas. Depois, prosseguindo a sua marcha sem se deter, propagou-se, para nosso mal, na direcção do Ocidente. Todas as medidas sanitárias foram sem efeito. Por mais que os guardas especialmente encarregados disso limpassem a cidade dos montes de imundície, por mais que se proibisse a entrada a todos os doentes e se multiplicassem as prescrições de higiene, por mais que se recorresse às súplicas e às orações que se usam nas procissões e àquelas, de outro género, de que os fiéis se desobrigam para com Deus, nada deu resultado. Logo nos primeiros dias primaveris do ano a que me referi, o terrível flagelo começou, de maneira surpreendente, a manifestar as suas dolorosas devastações.

Giovanni Boccaccio

Mas não foi como no Oriente, em que o facto de sangrar pelo nariz era o sinal evidente de uma morte inelutável. Na nossa terra, no início da epidemia, quer se tratasse de homens ou de mulheres, produziam-se certos inchaços nas virilhas ou nas axilas: alguns desses inchaços tornavam-se do tamanho de uma maçã vulgar, outros como um ovo, outros um pouco maiores ou mais pequenos. Chamava-se-lhes usualmente bubões. E, no duplo domínio onde tinham aparecido de início, os bubões não tardaram, a fim de semear a morte, a crescer indiferentemente em qualquer parte do corpo. Mais tarde, os sintomas mudaram e transformaram-se em manchas negras ou lívidas que apareciam nos braços, nas coxas ou em qualquer outra parte do corpo, de umas vezes grandes e separadas, de outras muito juntas e pequenas. Tal como o bubão que fora de início, e continuava a sê-lo, o indício de uma morte certa, também as manchas o eram para aqueles em quem apareciam. Quanto ao tratamento da doença, não havia receita médica ou remédio eficaz que parecesse bom ou desse qualquer alívio. A natureza do mal opunha-se-lhe? Era culpa dos médicos?

Sem falar de todos os práticos diplomados, tinha crescido em proporções incriveis o número dos homens e das mulheres que exerciam medicina sem o menor conhecimento prévio. A sua ignorância, digo, seria incapaz de descobrir a origem do mal e, conseqüentemente, de lhe encontrar o remédio próprio? A verdade é que as curas eram raras; e, nos três dias que se seguiam ao aparecimento dos sintomas já referidos (mais ou menos depressa segundo os casos, mas geralmente sem febre nem qualquer perturbação aparente), quase todas as pessoas atacadas morriam.

A intensidade da epidemia aumentou pelo facto de os doentes contagiarem, no seu contacto diário, os indivíduos ainda sãos, tal como o fogo quando se aproxima de uma porção de matérias secas ou gordas. E o que ainda propagou mais o desastre foi não só o facto de a prática com os doentes comunicar o mal e dar a morte às pessoas sãs, mas o simples contacto com roupas ou o que fosse que os pestíferos tivessem tocado ou manejado, pois através de tais objectos logo a peste se transmitia a quem deles se servisse. Escutem o prodígio que tenho de contar. Não o houvesse eu visto, como a muitas outras coisas, com os meus próprios olhos, dificilmente ousaria acreditar em tal e mais ainda escrevê-lo, mesmo que o tivesse ouvido da boca de pessoas dignas de todo o crédito. O flagelo de que falo transmitia-se de uns para os outros com tanta força e tão naturalmente que a infecção não só passava de homem para homem, mas produzia-se um fenómeno muito mais surpreendente e muitas vezes verificado. Um objecto que pertencia a um doente ou a uma vítima da peste era tocado por um ser sem relação com a espécie humana? Não só essa criatura era contagiada, mas morria num curto lapso de tempo. Eis, entre outros factos, o que os meus olhos — acabo de vo-lo dizer — observaram um dia. Tinham sido deitados na via pública os trapos de um desgraçado, morto pela epidemia.

DECAMERON

Dois porcos tropeçaram neles — é o costume desses animais — e começaram a despedaçá-los com os dentes e com as patas. Quase imediatamente, como que envenenados, ei-los ambos a darem sinais de vertigem e a caírem mortos por terra sobre os trapos que, para seu mal, haviam arrastado consigo.

Estes acidentes e muitos outros do mesmo género, senão piores, fizeram nascer, naqueles que continuavam vivos, pânicos e obsessões de diferentes espécies, que em geral conduziam à mesma atitude cruel: fugia-se ao doente e a tudo o que o cercava. No pensamento mínimo de cada um, era este o meio de se conseguir a própria salvação.

Alguns pensavam que uma vida sóbria e a abstenção de tudo o que fosse supérfluo se impunham para combater ataque tão terrível. Formavam pois a sua brigada e viviam afastados dos outros. Agrupados e reclusos em casas onde não havia doentes e onde a vida era mais agradável, usando com a maior moderação comidas delicadas e vinhos requintados, fugindo a todo e qualquer deboche, não deixando ninguém falar-lhes, recusando-se a ouvir qualquer notícia vinda do exterior a respeito de mortes ou doenças, passavam o tempo a ouvir música ou entretidos com outros prazeres castos.

Gente havia, porém, que se conduzia de modo bem diverso. Achavam esses que entregarem-se por completo às bebidas e à licenciosidade, andarem galhofando pela cidade, de canções nos lábios, satisfazerem as paixões na medida do possível, rindo e troçando dos mais tristes acontecimentos, era o mais seguro remédio contra um mal tão atroz. Para passarem deste princípio à prática o melhor que podiam, andavam dia e noite de taberna em taberna, bebendo sem conta nem medida. Mas era ainda pior nas casas particulares se julgavam lá encontrar matéria para prazer ou distração. De resto, nada era mais fácil. Todos perdiam a esperança de viver e deixavam ao abandono tanto os seus bens como a sua própria pessoa. A maior parte das casas caía no domínio público; os estranhos que lá se haviam instalado reinavam como donos, e é escusado dizer que juntavam à brutalidade da sua conduta o desejo de fugir sempre e a todo o preço dos pestíferos. E assim, infelizmente, no excesso de aflição e de miséria em que a cidade mergulhava, o prestígio e a autoridade das leis divinas e humanas esboroava-se e abatia inteiramente. Os guardas e os ministros da lei estavam todos eles mortos, doentes, ou tão desprovidos de auxiliares que qualquer actividade lhes era interdita. Toda a gente podia, pois, agir segundo os próprios caprichos.

Ao lado dos indivíduos que praticavam os dois tipos de vida a que me referi, muitos havia que adoptavam um meio termo. Menos preocupados do que os primeiros em se restringirem a comer pouco, nem por isso se abandonavam aos excessos de bebida e ao deboche dos segundos. Utilizavam tudo com conta, peso e medida e segundo as suas necessidades. Em vez de se fecharem dentro de casa, circulavam pelos arredores, tendo nas mãos umas vezes flores, ou-

Giovanni Boccaccio

tras ervas aromáticas, outras várias especiarias. Levavam-nas por vezes às narinhas e consideravam excelente preservar o cérebro aspirando perfumes, porque a atmosfera parecia corrompida e envenenada pelo cheiro horrível dos cadáveres, dos doentes e dos medicamentos. Alguns manifestavam mais crueldade, mas talvez mais prudência. Diziam que a garantia mais segura contra os germes do mal era a fuga. Nessa convicção, não se preocupavam a não ser consigo próprios, e muitos homens ou mulheres abandonavam a cidade, os parentes, os bens móveis e imóveis que possuíam, partindo para as províncias vizinhas ou, pelo menos, para os arredores de Florença. Julgariam que a cólera de Deus, armada desse flagelo, não iria, onde quer que eles estivessem, atacar as iniquidades dos homens e, uma vez desencadeada, se limitaria a abater aqueles que tinham ficado dentro dos muros da cidade? Talvez pensassem que ninguém lá ficava e que a última hora de Florença tinha chegado.

Se seguir um ou outro método não fazia as pessoas morrerem por força, a verdade é que ninguém escapava ao seu destino. Quaisquer que fossem os princípios seguidos, muitos eram atingidos, e em qualquer parte. Eles próprios, antes de caírem doentes, tinham dado o exemplo aos que continuavam sãos. Estavam pois abandonados e definhavam por todo o lado. Devo acrescentar que os cidadãos fugiam uns dos outros e que ninguém se preocupava com os vizinhos? As visitas entre parentes, quando aconteciam, eram raras e feitas de longe. O desastre pusera tanto horror no coração dos homens e das mulheres que o irmão abandonava o irmão, o tio o sobrinho, a irmã o irmão, muitas vezes mesmo a mulher o marido. E até — o que é ainda mais forte e quase inacreditável — os pais e as mães evitavam ir ver e auxiliar os filhos, como se já não lhes pertencessem. Os doentes dos dois sexos — e o seu número era incalculável — não tinham outro apoio que não fosse a caridade dos amigos (mas bem poucos foram privilegiados nesse ponto!) ou a avareza dos criados. Seduzidos pelos ordenados enormes com que lhes alugavam os serviços, ainda se encontravam criados. Porém, apesar dos convidativos salários, o número de serviçais não aumentara e todos eles, homens ou mulheres, tinham maneiras rudes e não possuíam, na sua maior parte, nenhuma prática doméstica. As suas funções limitavam-se a dar aos doentes o que eles pediam ou a assisti-los na hora da morte. Mesmo assim, pelo preço que um serviço lhes valia, corriam frequentemente para a própria perda.

Como os vizinhos, parentes e amigos abandonavam os doentes, e como os criados se tornavam raros, estabeleceu-se uma prática até então desconhecida. Qualquer que fosse a elegância, a beleza e a categoria social de uma dama atingida pela doença, esta não tinha o menor escrúpulo em ser tratada por um homem, fosse ele quem fosse, novo ou velho, e de lhe mostrar, sem a menor vergonha, todas as partes do seu corpo, tal como o teria feito a uma mulher. É provável que isso desse depois origem, naquelas que se curavam, a costumes mais dissolutos.

DECAMERON

Esses abandonos causavam a morte de muitas pessoas que, socorridas a tempo, talvez pudessem ter sido salvas. Em consequência de os doentes não receberem os cuidados apropriados e de a epidemia não deixar de se desenvolver, o número de cidadãos que morriam noite e dia era tão elevado que se ficava espantado ao ouvi-lo e, mais ainda, ao ser sua testemunha. Finalmente, e sob o efeito da necessidade, estabeleceram-se, entre os que sobreviviam, costumes completamente diferentes dos antigos.

Era uso — uso este que ainda persiste em nossos dias — que as senhoras, primas ou vizinhas de um morto, se reunissem em casa dele, a fim de juntar as suas lágrimas às dos parentes mais próximos. Por outro lado, os vizinhos e muitos outros burgueses agrupavam-se com a família em frente da casa mortuária. Os padres apareciam também, conforme a categoria social que o defunto tivera. Depois, as pessoas da mesma condição carregavam o homem aos ombros e transportavam-no para a igreja que ele escolhera antes de morrer. Mas quando a epidemia começou a manifestar a sua violência, tais práticas cessaram totalmente ou em grande parte. Em seu lugar, estabeleceram-se outras. Muitas pessoas morriam sem ter à sua volta numerosa assistência feminina. Muitas morriam mesmo sem testemunha. Bem raras eram aquelas a quem não faltavam as dolorosas lamentações e as lágrimas amargas dos seus. Em troca, instalavam-se o riso e as brincadeiras de um grupo a quem a festa estonteia. As mulheres, esquecidas da sua piedade natural e ciosas da própria saúde, curvavam-se em geral de bom grado aos novos usos. E bem raros foram sendo aqueles cujos corpos eram acompanhados à igreja por dez ou doze vizinhos, aproximadamente. Não se tratava, porém, de pessoas distintas nem de burgueses cotados, mas não sei de que espécie de coveiros vindos da ralé, que se tinham arvorado gatos-pingados e cujos serviços eram pagos. Pegavam no caixão e transportavam-no rapidamente, não à igreja que o defunto designara antes da morte, mas geralmente à que ficava mais perto. Quatro ou seis padres seguiam à frente, brandindo um magro luminar, que às vezes faltava por completo. Com o auxílio dos gatos-pingados, e sem se dar ao trabalho de um ofício demasiado longo ou solene, punham o mais depressa possível o caixão na primeira sepultura vazia que encontravam.

A gente humilde, e talvez uma grande parte da classe média, oferecia, de resto, o espectáculo de uma miséria infinitamente mais dolorosa. A pobreza (ou então qualquer vaga esperança de assim se salvarem) retinha em suas casas a maioria dessas pessoas. Não se afastavam do bairro e todos os dias caíam doentes aos milhares. Como não tinham quem as socorresse nem as servisse, morriam, está claro, sem redenção. Algumas delas expiravam de dia ou de noite na via pública; e muitas outras, se bem que mortas em casa, transmitiam aos vizinhos o anúncio da morte pelo cheiro infecto da sua carne corrompida. Tudo regurgitava desses cadáveres e dos cadáveres dos outros homens que por toda a parte morriam.